

EDUCAÇÃO, ESCOLA E PERSPECTIVA DE FUTURO: O que pensa a Juventude?

Sandra Alves da Silva Santiago

Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o discurso dos jovens sobre o papel da escola e da educação nas suas perspectivas futuras. Com este objetivo, num primeiro momento, reflete sobre os conceitos de juventude, para, em seguida, trazer a fala dos próprios jovens sobre a escola e suas perspectivas de futuro. Para tanto, fez uso de pesquisa qualitativa e utiliza como instrumento entrevista estruturada, tendo por técnica a análise dos discursos dos jovens acerca das seguintes questões: *Por que você vai à escola? O que mais gosta e menos gosta nela? Que mudanças faria para melhorar a escola?* A partir das respostas dos jovens a estas questões, buscou-se identificar a finalidade da educação, os pontos positivos e negativos da escola e os desejos de mudança expressos qualitativa e quantitativa nas falas dos jovens. Participaram da pesquisa 30 jovens entre 15 e 35 anos de idade, que estudam no Ensino Médio ou no Ensino Superior, da rede pública ou privada do Estado da Paraíba e de Pernambuco. Os resultados encontrados demonstraram que a juventude acredita na "educação", mas, questiona, principalmente, os aspectos didático-pedagógicos adotados nas práticas docentes, e apontam mudanças importantes neste quesito para que a escola cumpra seu papel social, não afastando a juventude dos seus sonhos e de suas perspectivas de futuro.

Palavras-chave: Juventude. Escola. Educação.

EDUCATION, SCHOOL AND PROSPECT OF FUTURE: What young people think?

Abstract

This article aims to reflect on the speech of young people about the role of the school and education in the processes and prospect of future. With this goal, at first, reflects on the concepts of youth, to then bring the speech of young people themselves about the school and its future prospects. To do so, made use of qualitative research and uses as a structured interview, with the technique the analysis of speeches of young people about the following questions: *why do you go to school? What do you like and dislike in it? What changes would improve the school?* From the responses of young people to these issues, we sought to identify the purpose of education, the positive and negative points of the school and the desires for change expressed in qualitative and quantitative lines of young people. 30 young people participated in the research between 15 and 35 years of age, who study in high school or in higher education, public or private network in the State of Paraíba and Pernambuco. The results demonstrated that young people believe in "education", but questions, mainly, the didactic-pedagogical aspects adopted teaching practices and major changes in this regard so that the school meets its social role, not away from the youth of its dreams and its future prospects.

Keywords: Youth. School. Education

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

De acordo com dados do Censo Demográfico (2000), são os jovens que pressionam a economia “para a criação de novos postos de trabalho”, gerando mudanças significativas na vida econômica, mas, também política, cultural e social do nosso país (IBGE, 2016). A juventude é responsável por importantes movimentos, mudanças e descobertas que marcam verdadeiras revoluções na estrutura e nas ideologias de uma nação. Mas, por outro lado, são estes mesmos jovens que estão expostos às inúmeras situações de vulnerabilidade social. As mais elevadas taxas de mortalidade por causas externas estão entre os mais jovens, e também de desemprego, subempregos, baixos salários, etc.

Encontra-se, ainda, na juventude, o alto índice de envolvimento com drogas, criminalidade, prostituição, e tem sido estas as principais motivações para a desaceleração no crescimento população deste segmento no Brasil. Segundo o IBGE, muito embora “os efetivos absolutos apresentem uma tendência de crescimento, este experimenta um paulatino processo de desaceleração a partir da década de 70” (IBGE, 2016).

Os dados revelam que em 1940, eram 8,2 milhões de jovens, ou seja, em termos percentuais correspondia a 20,1% da população brasileira. Vinte e seis anos depois, segundo dados no Censo demográfico, embora tenhamos aproximadamente 31 milhões de jovens e adultos jovens, este número representa 19% da população total do Brasil. O que vem ocorrendo com a juventude brasileira?

Segundo Soares (2013, s\p.), “está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio”, mas, como tudo no Brasil se divide de forma desigual, com a violência não seria diferente. Para o autor, “são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos” os mais vitimizados. E este fato, segundo ele, “alcançou um ponto tão grave que já há um déficit de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira”. O autor destaca que um fato como este “só se verifica nas sociedades que estão em guerra”.

No caso brasileiro, de acordo com Soares (2013, s\p.):

Experimentamos as consequências típicas de uma guerra. Nesse caso, uma guerra fratricida e autofágica, na qual meninos sem perspectiva e sem esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais), matam seus irmãos, condenando-se, também eles, a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia (SOARES, 2013, s\p.).

Entre as causas dessa matança de jovens é possível citar a desestruturação familiar e o desemprego, mas, também a falta de acesso à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer estão no rol destes motivos e, na nossa opinião, com um poder ainda maior. Assim, podemos dizer que, embora, nossas esperanças de futuro se concentrem na juventude, é também junto a este grupo que encontramos nossos maiores desafios. Não há como negar que são diferentes causas contribuindo para a construção deste cenário, e não cabe aqui refletir sobre todas elas, por isso, nos deteremos em discutir o papel da educação e da escola nas perspectivas de futuro, a partir do olhar dos próprios jovens estudantes.

COMPREENDENDO A JUVENTUDE

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o conceito de juventude:

(...) “resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos (SILVA E LOPES, 2009, p. 88).

Segundo Freitas (2005), em determinadas culturas, na designação do período juvenil, este conceito pode se ampliar para baixo ou para cima, podendo estender-se entre uma faixa máxima que compreende desde os 12 e vai até os 35 anos de idade. Mas, no Brasil, não há uma definição clara ou referências etárias à juventude. No Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, por exemplo, se estabelece que a *adolescência* vai dos 12 aos 18 anos incompletos, mas, o termo *Juventude* não é referido.

Diante disto, para Silva e Lopes (2009), ocorre que em algumas formulações de políticas públicas dirigidas para o setor juvenil, verifica-se uma grande diferença na demarcação das faixas etárias. Teoricamente, ocorre o mesmo no debate acerca das concepções dadas à juventude. Mas, em linhas gerais, é possível identificar uma tendência para se conceituar a juventude a partir de suas formas de ser e estar no mundo, portanto, como fenômenos históricos, políticos e culturais.

Neste sentido e apoiados nas ideias sobre *Juventude* de Silva e Lopes (2009), compreendemos que o termo precisa ser pensado com base nas teorias sociológicas e históricas, a partir das quais a leitura do coletivo prevalece sobre a faixa etária dos indivíduos. Sendo assim, “a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos sociais mais gerais e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história” (SILVA & LOPES 2009, p. 88).

De todo modo, cabe destacar que de acordo com dados da ONU (Organização das Nações Unidas), cerca de 50% da população mundial se enquadra no perfil da juventude, considerada de modo mais ampliado, ou seja, dos 12 aos 29 anos de idade. São, portanto, aproximadamente 1,2 bilhões de jovens no mundo.

No Brasil, o último Censo Demográfico revelou que 20% da população brasileira é formada por jovens entre 15 e 24 anos, totalizando 34 milhões de pessoas (IBGE, 2000). Sendo assim, o tema Juventude, por sua representatividade numérica já se constitui numa importante categoria de estudo. Mas, o que dizer quando se somam a estes números, outros como criminalidade, suicídio, analfabetismo e desemprego?

Dos 1,2 bilhões de jovens no mundo inteiro, 209 milhões são pobres; 130 milhões são analfabetos, 88 milhões estão desempregados e 10 milhões vivem com o HIV/Aids, evidenciando, portanto, a necessidade de investimentos social na população jovem. No Relatório recente da Organização Mundial da Saúde são registrados que, “anualmente, morrem quase 400.000 jovens de menos de 25 anos de idade vítimas de acidentes de trânsito” e muitos outros “tornam-se incapacitados” (ONU, 2005, s\p.).

E, no Brasil, a realidade também não é muito animadora. De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), cerca de 7,9 milhões de jovens brasileiros vivem em situação de pobreza. Segundo Lôbo e Nascimento (2012), 19,1 meninos e meninas em cada grupo de 100 mil pessoas morreram vítimas de homicídio em 2009, o que equivale a

11 assassinatos por dia. De acordo com as autoras, jovens negros têm 3,7 vezes mais riscos de serem assassinados em comparação com jovens brancos, o que denota questões sérias a serem enfrentadas. Mas, o que pode ser feito?

OS JOVENS NA ESCOLA

Embora haja uma ampla diversidade com relação à concepção de Juventude, há concordância no fato de esse tema ter se tornado atual e demandar ações públicas específicas. Entretanto, é preciso ressaltar que este o termo Juventude acaba sendo confundido ou substituído pela expressão adolescência. Para que não cometamos este equívoco, adotaremos os conceitos adotados pela OMS (1985) que afirma que enquanto “a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico, durante o qual se aceleraria o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade”, a Juventude resumiria uma “categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adulto na sociedade” (apud SILVA & LOPES, 2009, p. 88).

Diante disto, é evidente que durante esse processo de preparação para a vida adulta, os jovens vivem mais intensamente as dificuldades da vida contemporânea e são diretamente atingidos pelos problemas que as sociedades modernas enfrentam.

Para Dayrell *et al* (2014), há aspectos que podem ajudar a compreender este contexto e a condição da juventude neste emaranhado social. Para os autores, o papel das representações e das expectativas que se criam sobre determinados objetos, pessoas, grupos ou fenômenos são importantes instrumentos para explicá-los. As ideias que temos sobre a juventude acabam por dirigir não apenas nossas expectativas sobre ela, mas, também nossas práticas sociais. Entre estas práticas destacamos a educação, dando à escola, lugar de destaque nessas reflexões.

Nesse sentido, apoiados nas ideias de Bourdieu, Dayrell *et al* (2014, p. 30) salientam que o que “pensamos, o que esperamos, o que imaginamos, enfim, nossas percepções e expectativas, nossos esquemas de classificação”, não só influenciam, mas, também “dirigem nossas ações, direcionam nossas condutas, embasam nossas atitudes e práticas” dirigidas à juventude. Para os autores, “se acharmos que eles são capazes, se os olharmos de modo positivo, teremos com eles relações mais fecundas, promissoras, saudáveis e felizes” (p. 31).

Na mesma proporção, os jovens também constroem suas representações acerca da educação e da escola, estabelecendo com elas uma relação marcada por sentimentos de esperança ou desesperança, que agregam ou desagregam as perspectivas de futuro (profissional e pessoal).

Baseado nesta percepção, os autores ainda admitem:

Do mesmo modo, se os jovens acreditarem na educação, na escola, deixarão de ser os desinteressados, os que não querem nada, os mal educados que nos desrespeitam, os carentes, os indisciplinados, os violentos, os sem limite, os drogados ou os preguiçosos, entre tantas outras características que os desqualificam, e passarão a ser jovens alunos com seus limites e potencialidades à espera de nossa colaboração no ato pedagógico (DAYRELL *et al*, 2014, p. 31).

Do ponto de vista da história social e política brasileira, tal conduta educativa é extremamente relevante, pois, somos um povo que aprendeu desde os primórdios a

desvalorizar certos grupos, como os pobres, as mulheres, os negros, as pessoas com deficiência. Paulatinamente, estes estereótipos também são dirigidos aos jovens, que são vistos como alienados, preguiçosos, despreparados, irresponsáveis. É preciso ter muito cuidado com certas ideias que passam por verdades.

Sabemos que nossos jovens nasceram num mundo entrecortado pela tecnologia, pelas mídias, sem barreiras espaço-temporais como as conhecidas pela população adulta. Certamente, por isso, todo pai e mãe com mais de 40 anos já precisou da ajuda dos seus filhos jovens para resolver problemas com o notebook, Iphone, tablet, aparelho DVD, dentre outros. Na escola não tem sido diferente. São os alunos que ensinam os professores como manusear os recursos multimídias. Mas, é só isso que os alunos têm para ensinar? Será que não há muito mais a ser ensinado pelos jovens?

A velocidade com que as informações chegam aos mais jovens propicia uma aceleração do próprio pensamento juvenil. O modo como acessam e dialogam nos espaços virtuais, como se organizam, brigam, se relacionam é cada vez mais rápido e, é evidente, que traz consequências positivas e negativas ao seu desenvolvimento e maturação. No entanto, o que a escola tem feito a este respeito? Como tem utilizado estes elementos a seu favor?

O fato é que o “tempo dos jovens”, vivido no mundo lá fora não condiz com o tempo da escola. No interior da escola, os jovens são convidados a desacelerar, permanecer sentados, quietos e atentos a um só estímulo que pode ser o professor, o quadro ou o livro. Nunca todos de uma vez! Bem diferente do modo como os jovens fazem com as tecnologias: vários aparelhos, vários programas, vários dispositivos, várias abas...

Dessa forma, é inevitável que os jovens percebam certa inadequação e questionem sobre práticas aí desenvolvidas. Mas, será que os professores estão preparados para tais questionamentos? E ainda, será que são capazes de imprimir tais mudanças?

Defendemos a ideia de que a fala dos próprios jovens sobre a educação e a escola pode revelar muito sobre o que precisa ser revisto nas práticas educativas. Quem melhor a dizer o que não está bom na aula, senão os estudantes? E, nesse sentido, a presente pesquisa se apoia nos discursos da juventude sobre a educação e a escola, buscando na interpretação dos enunciados dos jovens, efeitos de sentido articulados às seguintes categorias analíticas: por que você vai à escola; b) o que gosta e o que não gosta na escola; c) o que gostaria de mudar. Ouvir as demandas da juventude pode ser, sem dúvida alguma, o caminho mais seguro para que se promovam mudanças que podem fazer da escola um lugar mais interessante, significativo e esperançoso.

Procedimentos Metodológicos

Para a presente pesquisa fizemos uso de uma abordagem qualitativa, pois segundo Minayo (1996), pesquisas qualitativas nas ciências sociais trabalham com significados, motivações, valores e crenças e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas, pois que, respondem a noções muito particulares (MINAYO, 1996). No entanto, não desprezaremos a apresentação de alguns dados sob o ponto de vista quantitativo, a fim de que fique claro ao leitor a representatividade que tais observações assumem no grupo Juventude.

Utilizamos, inicialmente, a pesquisa bibliográfica, pois a mesma é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. Neste estudo abrangeu: livros, periódicos, documentos do censo brasileiro e sites da internet. (LUNA, 1999).

Em seguida, fizemos uso da pesquisa de campo, cujo instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista, definida por Haguette (1997:86) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Utilizamos a entrevista como instrumento que nos permitiu coletar dados sobre um determinado tema científico, no caso, a percepção da juventude sobre a educação e a escola, e para isso, elaboramos três questões norteadoras: por que você vai à escola\faculdade? O que você mais gosta e o que menos gosta na escola\faculdade? O que você mudaria na escola\faculdade?

Como pesquisadores buscamos obter informações, ou seja, dados objetivos e subjetivos a partir de suas percepções sobre a educação como processo, e a escola como espaço onde estes processos ocorrem formal e intencionalmente. Foram convidados a participar da pesquisa, jovens estudantes entre 15 e 35 anos de idade, que estudam em escolas (ensino médio) ou faculdades (graduação ou pós graduação) da rede pública ou privada. A faixa etária foi definida tendo por base o que recomenda os documentos oficiais brasileiros, somados aos conceitos sociológicos sobre juventude, que implica em numa etapa da vida onde os indivíduos vivem um processo de preparação para assumirem um papel na sociedade, conforme defende Silva & Lopes (2009).

A entrevista ocorreu na modalidade online, através de um aplicativo multiplataforma de mensagens de chamadas de voz e de mensagens de texto, além de ser possível o envio de imagens e vídeos. Neste aplicativo, um grupo foi previamente criado pelo pesquisador, apenas para este fim. Os sujeitos entrevistados foram convidados aleatoriamente, tendo por base serem estudantes e encontrarem-se dentro do conceito de juventude “com base nos seguintes critérios: faixa etária (15-35 anos) e serem estudantes. Os mesmos faziam parte da agenda de contatos do pesquisador, mantendo com o mesmo, relação pessoal (parentes) ou acadêmica (alunos, ex alunos, orientandos, ex orientandos). Os mesmos foram informados sob as condições e precisaram responder se aceitavam ou não os termos: a) prazo de 24h para responder às questões; b) informar faixa etária; c) responder as 3 perguntas por gravação de áudio ou envio de mensagem de texto. Após serem informados quanto aos termos da pesquisa, tinham liberdade de permanecer ou sair do grupo. Dos 50 sujeitos adicionados, 39 permaneceram no grupo. Dos 39 que permaneceram, 8 estiveram além da idade limite, restando 31. Dos 31 sujeitos, 25 responderam afirmativamente aos termos e responderam a entrevista, dentro do prazo estabelecido, enquanto os 6 restantes não se manifestaram.

O uso das novas tecnologias para realizar a entrevista foi adotado por ser um instrumento mais acessível aos jovens, gerar mais interesse e possibilitar maior rapidez na coleta de dados e aumento na amostra pesquisada, tanto em termos quantitativos quanto em termos demográficos.

Os dados coletados foram submetidos à análise e organizados em três categorias: a) Finalidade da Educação; b) Aspectos Positivos e negativos da Escola; c) Desejos de Mudança. Como dados subjetivos, as falas dos jovens foram analisadas a partir dos referenciais aqui estudados e relacionadas com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Entretanto, a fim de que seja possível visualizar a representação das opiniões na Juventude, enquanto categoria ou grupo, apresentaremos os mesmos em termos quantitativos, seguidos de análise qualitativa das informações.

Análise dos dados e discussão dos resultados

Apresentaremos inicialmente um perfil geral dos entrevistados, para em seguida discutir os dados coletados.

- Perfil dos entrevistados – caracterização da amostra:

Participaram da entrevista, 25 jovens, sendo assim caracterizados:

25% dos jovens entrevistados tem entre 15 e 20 anos;

75% dos jovens entrevistados tem entre 21 e 35 anos;

90% dos jovens entrevistados são do sexo feminino;

10% dos jovens entrevistados são do sexo masculino;

50% dos jovens entrevistados estudam na rede pública;

50% dos jovens entrevistados estudam na rede privada;

90% dos jovens entrevistados estudam no Ensino Superior (graduação ou Pós graduação);

10% dos jovens entrevistados estudam no Ensino Médio.

- Categorias de Análise

Os dados coletados serão apresentados e comentados a partir das três categorias predefinidas para análise: a) Finalidade da Educação; b) Aspectos positivos e negativos da Escola e c) Desejos de Mudança.

a) Finalidade da Educação

Dentre os entrevistados, a finalidade da educação se concentra especialmente na “construção de conhecimento” (50%) e na “qualificação profissional (50%). Numa proporção menor, mas, não menos importante, um percentual de 25% dos jovens estudantes, ainda, associa estas duas finalidades a uma conseqüente “melhoria de vida”. Tais dados nos fazem refletir sobre o que destaca Dayrell *et al* (2014, p. 30), quando afirma que nossas percepções e expectativas não só influenciam, mas, também “dirigem nossas ações, direcionam nossas condutas, embasam nossas atitudes e práticas”. Portanto, se assim pensa a juventude a respeito da finalidade da educação, por que crescem tanto as estatísticas de jovens vitimados pelas drogas, criminalidade e suicídio? Talvez encontremos possíveis respostas na próxima categoria analítica.

b) Aspectos Positivos e Negativos da Escola

Nesta categoria organizamos as respostas relativas às questões: o que você mais gosta e o que menos gosta na escola/faculdade? E os resultados demonstraram que 90% dos jovens mais gostam de “aprender”; de “estudar”, especialmente dentro de áreas específicas do conhecimento com as quais se identificam, além de fazer “amizades”. 10% dos jovens ainda cita as metodologias, os professores e as atividades variadas como as melhores coisas na escola.

Na questão do que menos gosta na escola, 90% dos jovens destaca questões de ordem didático-pedagógica (metodologia, avaliação, relação professor-aluno, disciplina, etc.), enquanto outros 10% apontam também questões administrativas ou curriculares.

Os resultados revelam, especialmente para os professores que, embora os jovens gostem de aprender e de estudar – conformem afirmam 90% deles, aspectos de ordem didático-pedagógica estão comprometendo a qualidade dessas aprendizagens, do prazer de estar na escola.

c) Desejos de Mudança

Nesta categoria, como é previsível, os desejos de mudança dos jovens incidem preponderantemente sobre os aspectos negativos indicados no item anterior. Portanto, 90% dos jovens responderam que desejam que mudem especialmente questões de ordem didático-pedagógica, que envolvem o “planejamento das aulas”, “metodologias utilizadas” e “instrumentos de avaliação”. Desse modo, fica evidente que as principais necessidades dos alunos estão diretamente vinculadas às práticas pedagógicas dos professores.

Um número menor (10%) de jovens cita, ainda: segurança no ambiente escolar e questões estruturais como parte de seus desejos de mudança.

Nesta categoria, recordamos o que destaca Dayrell *et al* (2014) sobre os jovens alunos à espera de nossa colaboração no ato pedagógico e destacamos o quanto o fazer pedagógico pode tornar os estudantes mais interessados e comprometidos com a educação e com a escola.

A questão didático-pedagógica, tão recorrente nas falas dos alunos, certamente, se liga ao modo de ser e estar no mundo que marca este grupo – a juventude. Recordamos, mais uma vez, que o modo como os jovens acessam e dialogam nos espaços virtuais estão ser refletindo nas situações reais. Cabe à escola se adaptar para atender as necessidades juvenis, a fim de que não se torne obsoleta, desinteressante.

Não é demais lembrar que o “tempo dos jovens” pode ser o tempo da escola, se assim ela desejar. Metodologias que não desafiam o pensamento, não propõe movimento, descoberta, interação, estão fadadas ao fracasso. Jovens sentados, quietos e calados só em fotografias do passado.

Na fala dos jovens, nesta pesquisa, fica claro o desejo de que a escola se renove, pois, é nela que eles querem estar. No entanto, é preciso que a escola aproveite o modo de ser da juventude: ágil, viva, alegre a seu favor. O uso das novas tecnologias da informação e comunicação, com seus mais variados recursos e aparelhos, programas e dispositivos devem ser aproveitados pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão dos jovens nos debates sobre as políticas educacionais é de extrema importância. É preciso aproveitar as contribuições que este grupo tem a dar na construção de práticas sociais que criem perspectivas de futuro no modo de ser, pensar e agir das novas gerações. Do mesmo modo, é importante que os educadores dialoguem com seus alunos e, a partir do conhecimento dos interesses e conhecimentos prévios que eles trazem, possam planejar suas aulas. É preciso que os adultos – especialmente os educadores – sejam humildes em reconhecer que há muito a se aprender com a juventude.

Inevitavelmente, este é um processo que exigirá de adultos e jovens, constantes e contínuas modificações e adaptações. Estas, por sua vez, atingirão as práticas sociais, mas também as relações humanas. No final, todos ganharão.

Para nós, parece claro que este é um movimento irreversível e que não pode se demorar, sob pena de que aumentemos o número de excluídos das oportunidades sociais; de que percamos a juventude para o crime, as drogas, a prostituição, a depressão...

Nesta direção, não resta dúvida que à escola cabe contribuir na disseminação de valores que prezam pelo respeito, valorização das diferenças e pela promoção de condições equitativas de participação social. Neste sentido, os professores são os principais atores sociais, portanto, os maiores exemplos. São eles que, estando na ponta do processo, podem plantar esperança, onde os sonhos estão quase apagados por uma vida de violência, desrespeito e exclusão. São eles que podem acolher as diferenças e ajudar na construção de novas perspectivas de futuro de toda juventude.

Sabe-se que para a juventude pobre os desafios são ainda maiores. Esta camada da população fica imune aos benefícios de uma educação que promove a esperança e alimenta os sonhos de futuro. A vida social destes indivíduos é demasiadamente limitada em termos econômicos, mas, também políticos. A educação emerge como mais um direito negado. Entretanto, jovens de todas as camadas representam a educação como promotora de melhores condições de vida, inserção no mercado de trabalho e aquisição de conhecimento. O que a juventude reclama é oportunidade de ser e de estar na escola, pois é nela que eles querem estar e aprender é o que esperam, porque veem neste processo oportunidades de sonhar com dias melhores.

REFERÊNCIAS

- IBGE. **População jovem no Brasil: a dimensão demográfica**. 2016. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2016.
- DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (org.) **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- FREITAS, M. V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5a edição. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. 2a edição. São Paulo: EDUC, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6a Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- ONU. **World youth report 2005: young people today, and in 2015**. United Nations publication, October, 2005.
- SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas públicas. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, Jul-Dez 2009, v. 17, n.2, p 87-106. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/viewFile/100/65>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016.
- SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R. & VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade**. São Paulo: ED. Instituto Cidadania, 2004.